



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Júlia Rapôso Gomes de Souza

**#filhodequatropatas: uma perspectiva sociológica sobre a família
multiespécie.**

Florianópolis

2022

Júlia Rapôso Gomes de Souza

#filhodequatropatas: uma perspectiva sociológica sobre a família multiespécie.

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof. Márcia Grisotti, Dra.

Coorientador(a): Isaura Wayhs Ferrari, Ma.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Souza, Júlia Rapôso Gomes de

#filhodequatropatas: uma perspectiva sociológica sobre a família multiespécie. / Júlia Rapôso Gomes de Souza; orientadora, Márcia Grisotti, coorientadora, Isaura Wayhs Ferrari, 2022. 61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Família multiespécie. 3. Processo de individualização. 4. Animais de estimação. 5. Afeto. I. Grisotti, Márcia. II. Wayhs Ferrari, Isaura. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. IV. Título.

Júlia Rapôso Gomes de Souza

#filhodequatropatas: uma perspectiva sociológica sobre a família multiespécie.

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais.

Florianópolis, 10 de março de 2022.

Prof. Rodrigo da Rosa Bordignon, Dr.

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Márcia Grisotti, Dr.(a)

Orientador(a)

Instituição UFSC

Prof.(a) Marcia da Silva Mazon, Dr.(a)

Avaliador(a)

Instituição UFSC

Prof.(a) Kênia Mara Gaedtke, Dr.(a)

Avaliador(a)

Instituição IFSC

Prof. Fernando Dias de Avila-
Pires, Dr.

Avaliador

Instituição UFSC

Dedico esse trabalho à Isaura, que me carregou até o final. Ao meu bem, que nunca saiu do meu lado durante a luta. E aos meus pais, que me deram tudo e um pouco mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores Fernando Avila-Pires e Márcia Grisotti que investiram em mim, com muita paciência, e me ajudaram no processo de desenvolver-me como cientista social e sujeito. Vocês estarão eternamente em meu coração.

Agradeço aos meus pais que me apoiaram desde a decisão de cursar Ciências Sociais até o final de todo esse processo difícil que foi fazer um TCC em plena pandemia. Vocês são a minha base e inspiração, não existem palavras que comportem o tamanho da minha gratidão por ter vocês.

Agradeço ao meu pretinho, por todas as lágrimas compartilhadas, por toda a força e esperança que me deu nos piores momentos. Você me fez acreditar em mim.

Agradeço aos meus amigos/família maravilhosos e presentes, que tornaram o meu caminho mais leve trazendo riso quando eu precisava e ânimo quando não tinha mais: Gabi, Lisa (sem ela as últimas páginas não teriam sido escritas), Teteu, Bianca, Rapha, Raquel, Fefo, Cauê, Elig e Isabella.

Por fim, agradeço aos cachorrinhos da minha vida: Frodo e Sam, nossa ligação só a gente sabe.

Essa conclusão aponta imediatamente para um campo de investigação potencialmente inesgotável sobre a condição de pessoa dos animais não-humanos ou, se preferirmos, sobre a humanidade animal, em vez da animalidade humana.

(Tim Ingold, 1994)

RESUMO

Na emergência de novas configurações familiares, ganha força a análise sobre o lugar dos indivíduos nessa rede de relações, interessando, particularmente, a posição dos animais de estimação nela. Portanto, o presente trabalho buscou compreender as características do discurso em relação ao cão como membro da família multiespécie, partindo da análise de conteúdo e discurso em quatro perfis de cães no *Instagram* e numa entrevista semiestruturada com uma família multiespécie. Questões como a centralidade do afeto e as problemáticas de gênero advindas da sociologia da família, o conceito de processo de individualização em Elias e a discussão humanidade/animalidade em Ingold permeiam a reflexão. Finalmente, percebeu-se que a preponderância com que o cão, como indivíduo, constitui-se através das emoções e do afeto, parece estar intimamente relacionado com seu lugar na família. Ademais, se observa que, para serem valorados e considerados membros da família, tiveram que performar indivíduos humanizados.

Palavras-chaves: Família multiespécie. Processo de individualização. Animais de estimação. Afeto.

ABSTRACT

In the emergence of new family configurations, the analysis about the place of individuals in this network of relationships gains strength, being of particular interest the position of pets in it. Therefore, this paper sought to understand the characteristics of the discourse in relation to the dog as a member of the multispecies family, starting from the analysis of content and discourse in four dog profiles on Instagram and a semi-structured interview with a multispecies family. Issues such as the centrality of affection and gender issues arising from the sociology of the family, the concept of individuation process in Elias and the discussion humanity/animality in Ingold permeate the reflection. Finally, it was noticed that the preponderance with which the dog, as an individual, constitutes itself through emotions and affection, seems to be intimately related to its place in the family. Furthermore, it is observed that in order to be valued and considered as family members, they had to perform as humanized individuals.

Keywords: Multi-species family. Individualization process. Pets. Affection.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Postagem do perfil do Nikki (@nikki_blogueirinho). 45
- Figura 2:** Número de ocorrência das subcategorias dos Traços de Individualidade/Personalidade. 44
- Figura 3:** Número de ocorrência das subcategorias das Relações de Parentesco. 48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação de perfis de cães e características gerais	24
Tabela 2: Listagem das perguntas que guiaram a entrevista	27
Tabela 3: Lista de códigos	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC -Análise de conteúdo

AD - análise de discurso

LEGENDAS

Cães - abarca tanto macho como fêmea

Posts - outro termo para “postagens”

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 OBJETIVOS	20
1.1.1 Objetivo Geral:	20
1.1.2. Objetivos Específicos:	20
2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS: CÃES NO INSTAGRAM E UMA FAMÍLIA MULTIESPÉCIE	21
4 EM MEIO ÀS TRANSFORMAÇÕES, UMA NOVA CONFIGURAÇÃO: A FAMÍLIA MULTIESPÉCIE	29
4.1 HUMANO E O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO: FRONTEIRAS ULTRAPASSADAS?	29
4.2 A SOCIOLOGIA DA FAMÍLIA: UM PANORAMA	35
4.3 A FAMÍLIA MULTIESPÉCIE: UM DISCURSO EM EMERGÊNCIA	37
5 REPRESENTAÇÕES PARTICULARES DA RELAÇÃO MULTIESPÉCIE: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA	40
5.1 UM OLHAR SOCIOLÓGICO PARA A FAMÍLIA MULTIESPÉCIE	40
5.1.1 A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO: MEMBRO DA FAMÍLIA	43
5.1.2 A CONFIGURAÇÃO DA FAMÍLIA	47
5.1.3 O RELATO DE UMA FAMÍLIA MULTIESPÉCIE	50
6 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar a categoria “família”, um ponto surge logo de começo: sua definição etimológica não é suficiente para abarcar toda a complexidade e amplitude do termo, considerando sua constante transformação ao longo da história. Assim, defini-la como uma categoria estática e fechada é uma tarefa que tende ao insucesso. A discussão sobre família tem sido o foco de diversas áreas do conhecimento, como o Direito, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia, nas quais se faz necessário um olhar constante e atento aos imponderáveis da vida cotidiana. É justamente nesse espaço fluido que as mais diferentes configurações familiares existem, se complexificam, são significadas e acabam se tornando um rico e frutífero objeto de análise. No caso da família multiespécie, que recentemente vem sendo reconhecida como uma configuração familiar possível, a problemática é correspondente.

No meio jurídico, as discussões sobre família e suas transformações são essenciais para abordar o tema, pois, o lugar do Direito como uma área que formaliza e tem um papel importante nos processos de legislação, lhe confere um certo privilégio dentro dessa problemática. O Código Civil de 2002¹ juntamente com a Constituição Federal de 1988², conhecida como a “Constituição Cidadã”, são marcos de reconhecimento a outras configurações de família formadas, seja por relações consanguíneas, seja por atos jurídicos, ou, ainda, pelo afeto (WITTER, 2016). Isso não quer dizer que, entretanto, outras configurações tenham sido percebidas também de tal maneira. Contudo, esse processo foi um precedente importante para o estabelecimento de algumas condições; condições essas que possibilitaram a emergência de parâmetros que passaram a definir configurações familiares tais como a família homoafetiva, família anaparental, pluriparental e, inclusive, a família multiespécie.

Pereira (2002, p.226-227) apresenta muito bem o cerne dessa transformação familiar: “A partir do momento em que a família deixou de ser o núcleo econômico e de reprodução para ser o espaço do afeto e do amor, surgiram novas e várias representações sociais para ela”. Desse modo, emerge um terreno fértil para a

1BRASIL. Lei n. 10.406, 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2002.

2BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

existência e compreensão de um dos tópicos dessa pesquisa, a família multiespécie. O afeto proporcionou o deslocamento de um ser de outra espécie, como objeto de estimação, para o lugar de membro da família. Em princípio, esse deslocamento pode parecer trivial, mas encerra em si muito mais do que as aparências sugerem, pois, qualquer aceitação acrítica sobre o lugar do animal de estimação em relação à família, como algo natural ou indiscutível, torna-se uma problemática quando se propõe discutir a família multiespécie.

Segundo Faraco (2008), sabe-se que a relação interespécie é antiga e caminhou paralelamente ao processo civilizatório humano, no compartilhar de diversas experiências, seja numa relação de companhia, de adoração, de segurança, de uso no exercício de um trabalho, etc. Entretanto, seu reconhecimento no meio acadêmico é recente, datado entre as décadas de 1970-1980. Somente em 2008 que, pela primeira vez, o termo família multiespécie foi utilizado em uma pesquisa brasileira, sendo Faraco e Seminotti os responsáveis (WITTER, 2016, p.31). Partindo disso, trazemos a definição articulada por Faraco (2008) para a configuração conhecida como família multiespécie: um grupo familiar composto por pessoas e outros animais, no qual ocorre a legitimação e reconhecimento desse animal de estimação como membro da família. A autora ainda acrescenta que “A família multiespécie, de forma análoga ao que denominamos como grupo multiespécie, é o grupo familiar que reconhece ter como seus membros os humanos e os animais de estimação em convivência respeitosa” (FARACO, 2008, p.37).

Hoje, diversas pesquisas trabalham e procuram entender as mudanças na posição ocupada pelo animal de estimação no contexto familiar (KNEBEL, 2012; FARACO, 2008; PASTORI; MATOS, 2015; GAZZANA; SCHMIDT, 2015; CARVALHO; PESSANHA, 2013; CHARLES, 2014; VIEIRA; CARDIN, 2017). Grande parte desses estudos apontam a regularidade com que hoje as pessoas se referem aos seus animais como familiares, desenvolvem um alto nível de apego e cuidado, concedem os espaços íntimos antes proibidos e envolvem o animal nos rituais familiares.

Assim como na pesquisa desenvolvida pelo IBGE- Populações de Animais de Estimação no Brasil (2013), e no Censo Pet realizado pelo Instituto Pet Brasil (IPB) (2019), foi constatado que o cachorro/cadela é o animal de estimação mais comum nos lares brasileiros, tendo, portanto, papel central na configuração das relações familiares multiespécie. Toda essa problemática soma para a constante ampliação

da definição de família. Dito isso, White (2009) exemplifica esse ponto de forma muito clara:

Como sugerido acima, pesquisas de opinião e pesquisas sociológicas indicam que uma proporção muito alta de famílias considera seus animais de companhia como membros de sua família. Isso se expressa de várias maneiras, inclusive permitindo que animais de estimação tenham acesso a espaços domésticos íntimos, como salas de estar, cozinhas e quartos, e por meio de seu envolvimento em uma série de rituais familiares, como aniversários e festas de Natal. (WHITE, 2009, p.854, *tradução livre*)

Nesse contexto de mudanças de atitudes e valores, é provável que os animais nunca tenham recebido tanta atenção antes, seja pela mídia ou pelo poder público, os quais passaram, mais tarde, a dar espaço à ideia de “bem-estar” e qualidade de vida dos animais, que estiveram cada vez mais presentes no cotidiano dos seus companheiros humanos (MATOS E PASTORI, 2015). Em 2012, verificou-se que o Brasil ocupava um lugar de destaque no referente à convivência com animais de estimação, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET):

[...] em 2012 a população de animais de estimação em todo o mundo chegou a 1,51 bilhão. Desses, 288,2 milhões estão na China, a primeira colocada. O Brasil é o quarto país no quadro geral desde 2008, com 106,2 milhões de pets, atrás dos Estados Unidos (224,3 mi) e Reino Unido (148,3 mi). No entanto, está em segundo lugar quando se trata de cães e gatos (37,1 milhões e 21,3 milhões respectivamente), somente atrás dos Estados Unidos. (ABINPET, 2013)

Outra matéria que reitera esse lugar de destaque brasileiro é a da revista *Veja*, ainda de maio de 2010, na qual coloca que se tornou comum as famílias desembolsarem grandes quantias apenas com consultas, medicamentos e vacinas; na época, cerca de 700 milhões por ano (*Veja*, 12/05/2010). Em reportagem do *El País*, são discutidos dados de uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicados em 2015, que apontam a crescente presença de animais de estimação nos lares brasileiros, superando até mesmo o número de crianças (ARIAS, 2015).

Já em 2019, o Instituto Pet Brasil divulgou dados atualizados sobre a população de animais de estimação em todo território nacional: em 2018 foram contabilizados no país 54,2 milhões de cães; 39,8 milhões de aves; 23,9 milhões de gatos; 19,1 milhões de peixes e 2,3 milhões de répteis e pequenos mamíferos. A

estimativa total chega a 139,3 milhões de animais de estimação. Em 2013, a população pet no Brasil era de cerca de 132 milhões de animais, últimos dados disponíveis quando a consulta foi feita pelo IBGE (IPB, 2019).

Com dados exorbitantes como esses, fica nítido que o Brasil vem apresentando um terreno mais que fértil para a emergência de práticas discursivas que tornam o discurso sobre família multiespécie possível. Ela se mostra, portanto, um ponto de partida para uma análise sociológica que pode trazer ricas contribuições, tanto para (re)pensar família como um conceito universal e restrito a certos absolutos, quanto para trazer um olhar que nos faça identificar as condições pelas quais a relação humano/animal de estimação as fez chegar aonde está.

Quando olhamos para as contribuições já existentes sobre família multiespécie dentro das Ciências Sociais, os temas mais próximos que encontramos giram em torno da interação humanos/animais, porém, o enfoque da discussão nunca está nessa interação como uma configuração familiar, revelando que temas como esse tendem a ser considerados indignos de interesse da área. Nas Ciências Sociais, a Antropologia se mostra como a área que mais desenvolve o assunto, apesar de ser com duras críticas à sua perspectiva flagrantemente antropocêntrica, segundo alguns estudiosos:

[...] como destaca Lézé (2002), a antropologia aborda os animais, ordinariamente, segundo três registros interdependentes: as representações dos animais, as funções dos animais e, muito raramente, as interações entre humanos e animais. (MATOS E PASTORI, 2015, p.114)

É certo que não se pode deixar de considerar que, apesar das ressalvas, a antropologia vem abrindo caminhos e proporcionando discussões acaloradas a respeito dessa interação, podendo citar o impacto que os estudos sobre o totemismo de Claude Lévi-Strauss (1976) e o debate humanidade/animalidade de Tim Ingold (1994) trouxeram para muitas reflexões feitas hoje sobre esse tema. Eles apresentam como as relações práticas e simbólicas estabelecidas com os animais são também centrais no projeto antropológico (MATOS E PASTORI, pág.115, 2015). Dentro da Sociologia, poucos artigos e teses são encontrados a respeito da relação interespécie, muito menos ainda sobre família multiespécie. A maioria desses trabalhos discute a relação humano/animal de estimação em conjunto com temas

como consumo, humanização, antropomorfismo e doença (CARVALHO; PESSANHA, 2013; CHARLES, 2014; BELK, 1996; MORRIS; FIDLER; COSTALL, 2000; LIMA, 2016; GAEDTKE, 2017). Na sociologia da família, área onde se esperava encontrar uma discussão mais atual sobre, não houve nenhuma referência na revisão de literatura sólida sobre família multiespécie.

Nesse contexto, cabe indagar: quais os discursos definidores de família multiespécie e como eles podem ser pensados dentro do arcabouço da sociologia? Apesar dos esforços que os estudos sobre família multiespécie têm demonstrado nas últimas duas décadas no Brasil, a definição e compreensão dessa nova configuração familiar ainda está no caminho de ser formalizada e considerada em sua complexidade, inclusive, como ressaltado acima, nas Ciências Sociais. Embora “família” seja um conceito há muito tempo discutido por diversas áreas do conhecimento, a especificidade da relação multiespécie é recente e ainda turva. É certo que a realidade das configurações familiares é heterogênea e altamente mutável, ainda que existam tentativas de racionalizá-las na forma de conceitos. Nesse contexto, acabam por emergir discursos que se constituem e se legitimam na intenção de ilustrar a natureza histórica e contingente do que tradicionalmente chamamos de família.

Acreditamos que através dos séculos de transformação dos discursos definidores de família, a entrada das componentes emoção/afeto significou uma espécie de quebra de paradigma. Junto a isso, ocorre o processo de construção de um discurso que privilegia a visão do cão como animal de estimação, o que abre espaço à emergência das condições sócio-históricas para possibilidade de existência da família multiespécie enquanto discurso. Tendo em mente esse cenário, uma análise com essa perspectiva nos permitirá abordar e contribuir com a discussão sociológica acerca da família multiespécie. Considerando o lugar central do cão na configuração familiar multiespécie brasileira, surge o interesse por compreender o discurso do cão enquanto membro da família e sua emergência.

Um exemplo muito atual a partir do qual é possível apreender algumas características e nuances dessa configuração familiar, é sua tradução no meio virtual.

Redes sociais foram definidas por Boyd e Ellison (2007) como sistemas que permitem a construção de uma persona por meio de um perfil ou página pessoal. Uma das redes sociais que tem se destacado no mercado de aplicativos móveis é o Instagram, que é uma rede social disponível gratuitamente para dispositivos móveis, e que permite a produção e o compartilhamento de fotografias e vídeos, além de textos em modo privado para até quinze usuários. (ESPÍRITO SANTO E MENDES, 2016 p.27)

Os perfis de cachorros e cadelas no *Instagram* têm ilustrado muito bem a sua relevância. Portanto, levando em conta a atual influência do *Instagram* no meio virtual e a percepção da mídia enquanto espaço onde transitam estruturas simbólicas e narrativas, foi feita a escolha de perfis de cães como objeto de análise. Por que tomar as redes sociais como objetos e instrumentos para uma análise de discurso? Porque é difícil imaginar nosso cotidiano hoje sem as redes sociais. Inúmeras práticas, possíveis a partir do uso de determinadas tecnologias, passaram a ser cada vez mais difundidas socialmente, tornando, portanto, irresistível o olhar analítico a esse espaço.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral:

Compreender as características do discurso em relação ao cão como membro da família multiespécie.

1.1.2. Objetivos Específicos:

- i. Discutir a relação humano/animal de estimação e suas transformações;
- ii. Apresentar as definições de família multiespécie a partir da revisão de literatura, relacionando-as ao panorama histórico oferecido pela sociologia da família;
- iii. Compreender e discutir como se dá a mobilização do discurso do cão como membro da família multiespécie, através de *posts* no *Instagram* e entrevista com membros de uma família multiespécie.

2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS: CÃES NO *INSTAGRAM* E UMA FAMÍLIA MULTIESPÉCIE

A família multiespécie, enquanto acontecimento discursivo, ainda está no caminho de ser reconhecida da mesma maneira que demais saberes constituídos sobre família. Ainda há o que se investigar e compreender acerca de sua emergência e constituição. Este trabalho se apresenta no intuito de elencar algumas características discursivas a respeito da família multiespécie, a partir de uma abordagem foucaultiana sobre os discursos, juntamente com o apoio de uma revisão bibliográfica e de literatura sociológica e antropológica. Assim, espera-se contribuir para um debate no qual a família multiespécie tenha espaço de laboro, em especial na área da sociologia. Considerando a problemática, uma análise de caráter qualitativo se mostra um caminho fecundo para o estudo. Assim, na intenção de contemplar o objetivo central e cumprir com os objetivos específicos, definem-se os seguintes procedimentos de pesquisa e análise: [1] Revisão de Bibliografia e Revisão Sistemática de Literatura; [2] Coleta e análise de postagens de perfis de cães na rede social *Instagram*; [3] Estruturação e aplicação de entrevista a uma família multiespécie.

O primeiro passo da metodologia é a revisão bibliográfica tradicional que, de certa forma, é a documentação feita pelo pesquisador sobre o trabalho. Por meio dela serão especificados os critérios de pesquisa, inclusão e exclusão de textos e trabalhos sobre o tema em questão. A revisão sistemática servirá, por sua vez, como um “atalho” minucioso na busca por dados relevantes para a temática de estudo que se pretende pesquisar, complementando a primeira filtragem já feita pela revisão bibliográfica. Em um segundo momento, a definição da amostragem e coleta de pesquisa. Tendo em conta que parte desses dados e análise tem ligações profundas com o espaço virtual, reconhecemos a internet, mais especificamente as redes sociais, como locais onde se criam sentidos e narrativas complexas que abarcam as mais diversas vivências e fenômenos sociais (FRAGOSO, 2011).

Encontrando-se em outra materialidade, enunciados dispostos virtualmente unem sujeitos, história, memória e atualidade num ciclo de descontinuidades e continuidades que produzem efeitos e possibilitam a emergência de novas

“verdades”. Vemos o potencial da análise sobre as legendas na rede social *Instagram* nesta linha. Com olhar atento, procuramos a compatibilidade entre o universo a ser problematizado, os critérios de amostragem, o problema e objetivos da pesquisa. Dentro desse desafio, buscamos também reconhecer os limites e as condições em que seria possível realizar essa investigação: como compreender as características do discurso de família multiespécie, de forma mais próxima e condizente? Alguns caminhos podem ser traçados e neste caso o objeto de pesquisa escolhido foi os perfis de cães no *Instagram* e, como um adendo para enriquecimento da discussão, um relato de uma família multiespécie.

Como um aplicativo de rede social, o *Instagram* proporciona o compartilhamento de fotos e vídeos com os contatos da rede de cada usuário, sendo a gestão dessa rede de “seguidores” (termo usado pelo aplicativo) de responsabilidade de cada perfil do usuário. Sendo disponível tanto via *Web* como por aplicativo *mobile*, o *Instagram* permite a interação dos usuários que compartilham uma rede por meio de aplicações como “curtir” e “comentar” as postagens feitas. Na configuração de uma postagem de foto/vídeo é possível preencher diversas informações como a localização, a marcação de pessoas, adicionar uma música e, o principal para nossa análise, uma legenda. Trata-se, basicamente, de uma descrição textual, podendo se fazer o uso de *hashtags* por meio de uma palavra, um número ou uma frase, antecipada pelo uso do símbolo “#” servindo como uma outra forma de descrever a foto.

O *Instagram* é hoje a quarta rede social mais usada no Brasil e a quarta mais usada no mundo, com mais de um bilhão de usuários ativos (Resultados Digitais, 24/08/2021). Com esses dados é notável o quão é desafiador e necessário um recorte preciso para a análise desse cenário heterogêneo, dinâmico e de alta escala. Para delimitação do *corpus* da pesquisa foi essencial levar em conta a aproximação do objeto com os conceitos presentes na problemática e na revisão de literatura, tendo em conta, juntamente nessa escolha, o tempo e as condições de análise.

O processo de investigação e coleta se iniciou com a definição de quatro perfis de cães no *Instagram* que correspondem aos seguintes critérios: todos os quatro precisam a) ter a definição de algum parentesco com o animal de estimação para afirmar a condição de família multiespécie, b) ser de perfis brasileiros pela necessidade de um recorte geográfico, c) ter conta pública para o acesso às postagens e, d) ter mais de 100 postagens para gerar insumos mínimos necessários

para a análise. Os quatro perfis precisam ser divididos por a) de pedigree e macho, b) vira-lata e macho, c) de pedigree e fêmea e, d) vira-lata e fêmea. Esses últimos critérios foram selecionados com base na importância que as categorias “raça” e “sexo” demonstraram ter nos estudos da revisão bibliográfica ao olhar para a relação humano e animal de estimação. Ressaltamos que esses parâmetros iniciais não têm como objetivo trazer rigidez e inflexibilidade para a investigação, mas sim, fornece uma direção, partindo de um conjunto de critérios pertinentes e cuidadosamente pensados dentro do tema, processo esse fundamental para a definição da amostragem qualitativa (LIMA E SOUZA, 2020).

Para que se possa compreender como chegamos nos quatro perfis selecionados é necessário explicar o funcionamento da ferramenta de busca do *Instagram*. Essa ferramenta funciona a partir de cinco opções de procura, porém, nenhuma delas possibilita o filtro que precisamos de acordo com os critérios citados acima: contas, áudio, tags, locais e principais (que abarca todas as outras opções). Independente da opção, todas elas requerem conhecimento prévio de um nome ou parte do nome de uma conta para a busca ocorrer, ou seja, sem essa predefinição, a busca por si só não possibilitaria encontrar os perfis. Com essa percepção optou-se pelo seguinte caminho, procurando manter a aleatoriedade da escolha dos perfis: fazer uma procura na base de conhecimento *Google* como uma forma de entrar em contato com nomes de perfis que obtivessem uma rede de seguidores cães diversa, para isso, inserimos o título “Instagram de cães do brasil” na barra de busca deste website e a partir dos resultados que apareceram na opção de funcionalidade “Todas” fomos clicando nas notícias da primeira página. Dessa forma foi possível encontrar o perfil do “vidadepug” que, por meio de uma pesquisa manual exploratória da sua rede no *Instagram*, nos levou para perfis de cães que abarcavam os critérios pré-estabelecidos. Os perfis selecionados são descritos na tabela abaixo:

Tabela 1: Relação de perfis de cães e características gerais

Nome da Conta	Nome do animal	Tipo de conta	Sexo	Raça	Número de Postagens *	Parentesco existente
nikki_blogueirinho	Nikki	Pública e Brasileira	Macho	Vira-lata	770	Mãe, pai e bisavô
lisamaria_dog	Lisa Maria	Pública e Brasileira	Fêmea	Vira-lata	768	Mãe, pai, avó, sogra, namorado e melhor amiga
alecrim_thespitz	Alecrim Dourado	Pública e Brasileira	Macho	Spitz Alemão	514	Mãe, pai, prima e melhor amigo
blueheelerzoe	Zoe	Pública e Brasileira	Fêmea	Blue Heeler	595	Mãe, amiga e avô

Fonte: elaboração da autora

* número de postagens na data de 28/11/2021.

Após a verificação e definição desses quatro perfis, analisamos todas as postagens de cada um separadamente, procurando ler as legendas e se atentar para aquelas que mais se relacionavam com as problemáticas do nosso tema de pesquisa. Percebemos, posteriormente, que após uma média de 20 posts havia repetição de narrativas, tornando essa quantidade representativa das tendências gerais apresentadas pelos perfis até chegar à saturação dos temas que se mostravam relevantes para o problema da pesquisa. Sendo assim, foram coletadas através do software de análise qualitativa MAXQDA Analytics Pro 2020, 20 postagens por perfil, resultando em um total de 80 postagens, compreendidas no período de 24/11/2021 a 25/11/2021. Utilizamos a funcionalidade de coleta do software em que é capturado o post por completo, a foto/vídeo com todas as informações que podem ser inseridas, porém, considerando o foco da análise, o recurso audiovisual foto/vídeo só será apresentado para ilustrar exemplos pontuais e cruciais.

Nesse sentido, optou-se por trabalhar com amostras de casos particulares, onde o aprofundamento sobrepõe a generalização dos resultados. A intenção não é construir um mapa representativo sobre a família multiespécie, a fim de produzir generalizações, mas, ao invés disso, obter reflexões mais aprofundadas, que possam acrescentar ou complementar a discussão teórica.

Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa. (FRAGOSO, 2011, p.67)

Passando para o estudo das postagens, adotamos duas técnicas para dois momentos diferentes: primeiramente a análise de conteúdo (BARDIN, 1997) e, posteriormente, a análise de discurso. Como guia metodológico para o tratamento descritivo das informações contidas nas legendas por meio do software MAXQDA, utilizamos a AC. Nela encontramos técnicas para procedimentos sistemáticos e objetivos de categorização do conteúdo das legendas, segundo uma análise categorial. “Esta, pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 1997, p.36-37).

Por mais desafiadoras que sejam a suas aplicações práticas, buscamos para o exercício dessa análise junto ao software sempre levar em conta regras que, segundo Bardin (1997), permitam a fragmentação do conteúdo em categorias válidas: elas necessitam ser a) homogêneas; b) exaustivas; c) exclusivas; d) objetivas e e) adequadas e pertinentes. Portanto, procuramos respeitar o processo da AC seguindo o ciclo de descrição, inferência e interpretação do conteúdo, para chegar nas categorias e subcategorias trabalhadas na análise. Esse processo de poda do conteúdo através da categorização nos permite organizar e visualizar as principais narrativas a serem discutidas em conversa com o nosso problema de pesquisa. É nesse momento que a AD foucaultiana se introduz na nossa análise, funcionando como um gancho entre toda a discussão teórica/histórica e o nosso objeto de pesquisa. Nela investigamos o objeto para “além da frase” e trazemos à luz as condições históricas e sociais que possibilitaram a irrupção da família multiespécie como discurso.

Dentro da tradição teórica das análises de discurso, Michel Foucault é reconhecido como uma vertente importante, entretanto, sua análise enunciativa ou discursiva não se exerce exatamente na forma de uma interpretação. Ela visa descrever aquilo que é efetivamente dito, mas do ponto de vista da sua existência: visa descrever “modalidades de existência”, definir um conjunto de “condições de

existência”. Dessa forma, dentre todas as questões colocadas por ele “o que é que tornou possível dizer isso?”, é a pergunta que está na base. Para efetuar uma investigação direcionada a essa pergunta, é preciso entender o discurso como prática, um âmbito da linguagem no qual a língua está relacionada a “outra coisa”, sem ser somente a linguística, “[...] como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.” (FOUCAULT, 1996, p.53). A relação da língua com “outra coisa” que não é de natureza linguística, relação que se dá no uso da linguagem, é o discurso, é aquilo a que Foucault chama de “prática discursiva”:

Não a podemos confundir com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada num sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, numa dada época, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008 p.133)

Logo, o discurso é um relacionamento complexo no qual se define as próprias regras de exercício ou de existência da enunciação e dos enunciados. Conseqüentemente, sua estratégia metodológica se propõe indeterminável, sendo construída à medida que a pesquisa avança e os objetos requererem. Ela não se efetua numa sequência rígida e delimitada, mas compreende alguns passos essenciais como a identificação das práticas discursivas, das regras de formação dos conceitos, dos enunciados, dos objetos, das ações, ou seja, das práticas não discursivas e das instituições a elas associadas. Perceber que “[...] o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro [...]” (FOUCAULT, 1996, p.9) se compõe, na realidade, por inúmeras descontinuidades.

Ao se distanciar dos discursos oficiais “legitimados”, a AD foucaultiana vai ao encontro do nosso objeto e problema, se interessando pelas formulações do cotidiano, do “ordinário” familiar. Encontrar, a partir de um olhar histórico e contextual, as regras “anônimas” que definem as regularidades em meio a essa dispersão de acontecimentos discursivos sobre a família multiespécie é o intuito de nossa análise. Dessa forma, olharemos para as categorias e seus sentidos a partir dessa perspectiva, procurando destrinchar o discurso de família multiespécie existente nelas.

Esses enunciados, agora existentes sob a materialidade digital, também atualizam discursos sócio-históricos – a que se combinam – possibilitando observar sua substância, relacioná-los a um passado e a um futuro, depreender as lateralidades de seu entorno e os discursos-outros que os atravessam em função do interdiscurso que os invade. (MAZZOLA, 2010 p.19)

Almejando seguir o ciclo esquemático da AD foucaultiana estudaremos a categorização das legendas dos perfis de cães como enunciados até trazer à tona a formação discursiva ali presente. Juntamente, nesse processo de análise discursiva, traremos ao final, como um complemento para a discussão, os principais enunciados retirados da entrevista realizada com a família multiespécie.

A conversa com a família foi possível através de uma indicação feita por um contato próximo que sabia do tema desta pesquisa, e acabou se mostrando riquíssima para o trabalho. O contato de uma das pessoas que compõe o casal da família foi passado para mim e, entrando em contato, a pessoa se demonstrou bastante aberta para compartilhar sua experiência e vivência. Então, marcamos de conversar via Skype no dia 09/06/2021 no período da noite, já que a família reside em Fortaleza - CE e o encontro presencial não era possível. Trata-se de uma entrevista semiestruturada com duração de 35:49 minutos, com a participação das duas pessoas que compõem o casal e sua cachorra Mama, estando a família multiespécie inteira presente. Apesar de ter sido feita à distância, as câmeras ficaram ligadas o tempo todo, ajudando no estabelecimento da conexão com as entrevistadas, onde foram compartilhados olhares e reações bem-humoradas. A tabela 2, abaixo, relaciona as perguntas preparadas previamente, que serviram como guia durante a entrevista.

Tabela 2: Listagem das perguntas que guiaram a entrevista

Perguntas que guiaram a entrevista	
1.	Como foi a adoção da Mama?
2.	Como vocês definiriam o que a Mama significa para vocês?
3.	Onde a Mama se encaixa no dia a dia de vocês?
4.	Como surgiu a ideia da empresa de vocês?

5.	Como funciona a preparação para uma festa de cães?
----	--

6.	Como se dá a interação com as outras famílias?
----	--

Fonte: elaboração da autora

O andamento da entrevista foi fácil e despreocupado, iniciando com a apresentação do tema de pesquisa. Após, tivemos a apresentação das duas pessoas que formam o casal e passamos para a primeira pergunta. Elas se mostraram solícitas e cooperaram com relatos detalhados para cada pergunta, mesmo para aquelas que surgiram na fluidez da conversa. A transcrição literal da entrevista foi feita manualmente, resultando em 7 páginas de conteúdo que, posteriormente, foram revisitadas e analisadas meticulosamente, separando os principais enunciados dentro do nosso tema. Com a intenção de manter o anonimato das entrevistadas, usou-se a seguinte referência para a única participante citada: “D”.

4 EM MEIO ÀS TRANSFORMAÇÕES, UMA NOVA CONFIGURAÇÃO: A FAMÍLIA MULTIESPÉCIE

4.1 HUMANO E O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO: FRONTEIRAS ULTRAPASSADAS?

Entre a luta constante do humano pelos recursos da terra e, assim, pelo predomínio sobre o mundo da natureza, emergiram e se fortaleceram narrativas de sensibilização e afinidade pelas outras espécies com quem se dividia a existência, chegando até a enfraquecer convicções de que o humano era um ser único. Esses processos só estavam iniciando uma modificação muito maior do que se imaginava entre essas relações (THOMAS, 2010). E apesar desse embate se carregar até os dias de hoje, de 1800 para cá essas narrativas só cresceram e possibilitaram as condições de existência para a complexa relação humano e animal de estimação que observamos atualmente. Segundo Thomas (2010), foram enormes as consequências que essa luta pelo domínio do mundo natural provocou. Depredações incontáveis foram cometidas contra a vida animal, desde a caça por prazer até a eliminação quase total de certas espécies para satisfazer as coleções de animais e ovos empalhados, levando às primeiras medidas contra a extinção. Em meio a isso, uma relação de uso dos animais para o trabalho ou para a alimentação seguia seu rumo habitual.

O autor cita que ao se tornarem raras, devido à caça, certas espécies acabavam sendo tratadas como animais domésticos em parques reais e privados, uma das evidências dessa alteração relacional. Para além dessa conservação dos animais, começaram a surgir as primeiras denúncias de que essas criaturas mereciam a preservação, independentemente de suas utilidades, seja pela curiosidade que despertavam, pelo prestígio ou pela beleza. A partir do século XVII, argumentos menos utilitários passam a ser encontrados nos discursos de personagens relevantes, colocando até a capacidade de “vida e sensação” como categorias a serem consideradas quando se pensa em animais não humanos. Enxergá-los como seres sensíveis e com direitos a serem considerados apenas por

existirem é uma noção que vai se construindo. Thomas (2010) chega a relatar o caso de um “amante das aves” que protesta contra o ato de cegar tentilhões para retê-los em cativeiro. Porém, uma questão crucial apontada pelo autor é que, em sua maioria, esses argumentos setentistas de maior sensibilidade às outras espécies tinham “caráter nitidamente antropomórfico”, e cita exatamente um exemplo em que é descrita uma configuração familiar, de acordo com os parâmetros humanos, para aves, como se elas sentissem e funcionassem à “nossa maneira”. Ele também nos alerta ao colocar que, desde aquela época, já se estabelecia uma dinâmica de favorecimento de uma espécie em detrimento de outras. Pensando hoje, aquelas que são consideradas de “estimação” em detrimento das que não são. “Por volta do final do século XVIII, o argumento de que os animais foram feitos somente para o uso do homem ainda era formulado, mas já não conseguia assentimento geral. Muito em breve, ele desapareceria quase por completo.” (THOMAS, 2010, p.421)

Apesar do salto temporal entre o período descrito e os dias de hoje, é possível observar diversas tensões que ainda permeiam, com variações significativas, o tratamento e/ou utilidade apresentada na relação humano e animal de estimação. “Animais ‘de companhia’, para utilizar a terminologia francesa, constituíam-se em companheiros na jornada de trabalho e possuíam um valor utilitário especialmente no que diz respeito ao uso como força de trabalho.” (PASTORI E MATOS, 2015, p.116). Já o animal “de estimação” seria aquele que recebe nome pessoal e individualizado, não se tornará comida em algum momento e tem livre acesso aos espaços da residência (THOMAS, 2010). Apresenta-se, através dessa definição, o estreito laço que emergiu nessa relação, adentrando com maior facilidade o ambiente familiar.

Nesse meio tempo, é indispensável ressaltar o impacto que o processo de transição demográfica no Brasil teve no papel exercido pelo animal de estimação no contexto familiar. Carvalho e Pessanha (2013) apontam que os padrões populacionais brasileiros se modificam com grande rapidez e, pôde ser observada uma tendência de fatores como a redução da mortalidade, da fecundidade, o aumento da longevidade e a emergência de novos arranjos familiares com a diminuição do número de membros na família como casais sem filhos e arranjos monoparentais.

Essas transformações na estrutura demográfica brasileira também estão relacionadas a uma mudança na relação das famílias com seus animais de estimação, já que as famílias lidam com seus animais de estimação como se fossem “membros da família” ou “objeto de consumo”. (CARVALHO E PESSANHA, 2013, p.623)

Nesse cenário, as tensões começam a eclodir, são colocadas diversas visões tanto positivas como problematizadoras a respeito dessa nova configuração familiar. Para alguns, ter um cão em casa pode envolver grande valor, como ter uma companhia capaz de amar incondicionalmente, capaz de ajudar pessoas a superarem doenças físicas e psicológicas e, até mesmo, capaz de “substituir” um membro familiar que se foi ou nunca existiu. Por outro lado, é questionado o próprio processo de domesticação que levou esses seres a ficarem “à mercê” dos cuidados humanos; eles tiveram escolha nesse processo? Eles têm capacidade de escolher se querem fazer parte de tal família? Será que eles querem ter um nome pessoal, usar roupas e comemorar aniversário? O processo de domesticação aprimorou ou degradou as condições de vida desse ser? (THOMAS, 2010) Dentro dessas problematizações, até o amor incondicional é colocado em questão: será que, se os animais de estimação pudessem fornecer um *feedback* com o propósito de melhoria da relação com o humano, ele teria a mesma percepção de amor incondicional?

Possivelmente, seguindo esse cenário de mudanças de atitudes e valores, os animais de estimação nunca estiveram tão em foco, seja dentro de casa, no poder público, seja no mercado ou na mídia (PASTORI E MATOS, 2015). Contudo, essas considerações incitam a reflexão sobre até que ponto esses seres estariam sendo alvo de identificações projetivas humanas e o quanto nossas relações interpessoais podem estar regredindo. É fundamental, para um olhar mais efetivo do tema, não considerar apenas as alterações de sensibilidade e inserção dos animais de estimação num convívio cada vez mais íntimo, mas, também apontar os conflitos que emergem desse discurso de família multiespécie. Onde anteriormente predominavam as práticas discursivas de zoofilização, o século XX parece estabelecer as práticas inversas, de antropomorfização. Os limites entre a animalidade e a humanidade se mantêm enquanto questões centrais.

Timothy Ingold é um antropólogo britânico conhecido por seus estudos ligados a uma vertente da antropologia ecológica e do ambiente. Dentro de suas propostas teóricas, um ponto central reverbera até hoje: a percepção da animalidade como espécie e como condição distinta da singularidade humana, sendo problematizada. Os trabalhos do autor dialogam constantemente com outros campos

do conhecimento, em especial com a biologia, procurando expandir os limites de uma antropologia predominantemente culturalista. Ele nos traz a reflexão: como analisar as relações entre humanos e não humanos a partir de uma antropologia ecológica? Em vista disso, Ingold busca adquirir um conhecimento que o ajude a construir pontes entre as ciências humanas e naturais, pensando a antropologia como uma disciplina especulativa, que enxerga para além das potencialidades e possibilidades dos “seres humanos”.

A melhor maneira de demonstrar essa diferença é examinar a maneira pela qual as noções de humanidade e de ser humano determinaram, e foram, por sua vez, determinadas, pelas ideias acerca dos animais. Para nós, que fomos criados no contexto da tradição do pensamento ocidental, os conceitos de "humano" e "animal" parecem cheios de associações, repletos de ambiguidades e sobrecarregados de preconceitos intelectuais e emocionais. Dos clássicos até os dias de hoje, os animais têm ocupado uma posição central na construção ocidental do conceito de "homem" - e, diríamos também, da imagem que o homem ocidental faz da mulher. Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral. (INGOLD, 1994, p.2)

O ponto colocado por Ingold a respeito de como tentamos definir a animalidade no decorrer do tempo é o que responde, ao mesmo tempo, a forma estratégica pela qual definimos o próprio humano e, conseqüentemente, a antropologia. Dessa forma a “[...] palavra humanidade, em suma, deixa de significar o somatório dos seres humanos, membros da espécie animal *Homo sapiens*, e torna-se o estado ou a condição humana do ser radicalmente oposta à condição da animalidade.” (INGOLD, 1994, p.6). Para ele, uma das principais tarefas é demonstrar que existem formas diferentes de olhar para essa dualidade normalmente impensada. O desejo de Ingold é de ir além das dicotomias consagradas na tradição intelectual do ocidente: humanidade/animalidade, natureza/cultura, corpo/espírito, etc. Sua proposta envolve superar essas divisões de forma processual e relacional; isso se mostra evidente quando percebemos sua preocupação em investigar os organismos sem desconectá-los abstratamente de seus ambientes. Nesse aspecto, nos perguntamos: seria a família multiespécie uma configuração social que contesta a dicotomia humanidade/animalidade? Seria ela um exemplo real de superação dos limites estabelecidos dentro dessa dualidade?

Esse tipo de formulação, dentro da sociologia, entretanto, se mostra limitada. O tema relativo às relações entre humano/não humano não é tão presente em estudos e pesquisas. Entretanto, há autores(as) que desenvolveram conceitos que podem ser utilizados como ferramentas para análises com esse foco. Nesse sentido, optamos por apontar aspectos específicos da teoria de Norbert Elias, que nos oferece um potencial de análise das relações de interdependência entre humanos e animais de estimação, assim como para refletir sobre o possível processo de individualização que as envolve.

Como sociólogo interacionista, Elias procura compreender o conceito de sociedade através das inter-relações e interdependências, entendendo sociedade, desse modo, como uma rede de relações, como um todo relacional; ou seja, o social é concebido como um sistema de relações entre grupos e indivíduos interdependentes.

O entrelaçamento das dependências dos homens entre si, suas interdependências são o que os ligam uns aos outros. Elas são o núcleo do que é aqui designado como figuração, como figuração dos homens dependentes uns em relação aos outros. Como os homens são – inicialmente por natureza, e então mediante o aprendizado social, mediante educação, mediante a socialização, mediante as necessidades despertadas socialmente – mais ou menos mutuamente dependentes entre si, então eles, se é que se pode falar assim, só existem enquanto pluralidades, apenas em figurações. Esta é a razão pela qual, como já foi dito, não é muito proveitoso se compreender como imagem dos homens a imagem dos homens singulares. É mais adequado quando se representa como imagem dos homens uma imagem de vários homens interdependentes que formam figurações entre si, portanto grupos ou sociedades de tipo variado. A partir desse fundamento desaparece a discrepância das imagens tradicionais de homens. (ELIAS,1994. p.67-68)

A interdependência dos indivíduos na teia social, como uma cadeia ininterrupta de ações que associam os indivíduos em uma trama complexa de relações, é o ponto central da discussão proposta por Elias, levando sempre em conta que é esse conjunto de possibilidades significativamente diferentes de ligações que conferem uma flexibilidade às relações sociais. Ou seja, quanto mais diferenciada a sociedade, maior o adensamento das interdependências. É nessa proposta que encontramos abertura para o estudo da relação entre humanos e animais de estimação, no sentido de ampliar as conexões analíticas entre as relações interespecíficas e os demais fenômenos sociais, propondo o enfoque nas relações de interdependência aí contidas.

Outro caminho oferecido por Elias que tem um alto potencial de problematização diz respeito ao processo de atribuição de individualidade, no nosso caso, em relação aos animais. Em sua obra “*A sociedade dos indivíduos*” (ELIAS, 1994b) o autor coloca como os conceitos atuais ligados ao substantivo “indivíduo” são recentes, e que foi no contexto do século XVII que o delineamento da concepção de indivíduo como exclusividade da espécie humana começou a se construir, como consequência da necessidade por singularidade em relação ao todo (GAEDTKE, 2017).

No decorrer da obra o autor explicita e caracteriza o processo de individualização, nos levando a reflexões de como esse processo possivelmente foi incluindo, no decorrer do tempo, não só os humanos, mas também os animais de estimação. Ele aponta que um recém-nascido não vai além de um “esboço preliminar de uma pessoa”, como uma criança, que independente da diferenciação de sua constituição natural, só se desenvolve como um ser mais complexo, um ser “humano adulto”, na relação em sociedade. Somente nessa relação que suas funções mentais serão moldadas, seu caráter, sua fala articulada e nome de indivíduo se constituirá. Portanto, dependendo da sociedade em que esse “esboço” nasce, o processo de individualização pode formá-lo de maneiras diversas. A natureza das relações nas quais ele nasce cristalizarão, ao longo do tempo, suas características maleáveis, proporcionando um leque amplo de possíveis individualidades. Longe dessa estrutura de grupo, ele pode se tornar, no máximo, uma espécie de “animal humano semisselvagem”.

Essas relações — por exemplo, entre pai, mãe, filho e irmãos numa família —, por variáveis que sejam em seus detalhes, são determinadas, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia antes dela. São diferentes em sociedades com estruturas diferentes. Por essa razão, as peculiaridades constitucionais com que um ser humano vem ao mundo têm uma importância muito diferente para as relações do indivíduo nas diferentes sociedades, bem como nas diferentes épocas históricas de uma mesma sociedade. Constituições naturais similares em bebês recém-nascidos levam a um desenvolvimento muito diferenciado da consciência e dos instintos, dependendo da estrutura preexistente de relações em que eles cresçam. A individualidade que o ser humano acaba por desenvolver não depende apenas de sua constituição natural, mas de todo o processo de individualização. (ELIAS, 1994b, p.24)

Elias apresenta esse processo não só como possível, mas como necessário para uma criança humana, enfatizando, em certos momentos, como os animais não teriam a maleabilidade mental/psicológica fundamental para passarem pelo

processo. É nesse ponto que o questionamento surge: teria a relação humano e animal de estimação ultrapassado essa fronteira? Podemos observar hoje uma espécie de processo de individualização envolvendo esses animais, no qual a fala, o nome, a personalidade, as crenças e os desejos são possíveis?

4.2 A SOCIOLOGIA DA FAMÍLIA: UM PANORAMA

Considera-se improvável propor uma investigação sociológica inicial a respeito da família multiespécie sem atrelá-la ao contexto da sociologia da família, já que o foco do trabalho está, justamente, em compreendê-la enquanto uma nova configuração familiar, apesar da especificidade interespécie. Pensar a definição do cão como membro da família por meio de uma perspectiva sociológica pode ser útil ao identificar e ao ganhar distância em relação ao senso comum, a ideologias implícitas, e muitas vezes explícitas. Traz-se para a luz do dia uma visão mais crítica sobre as grandes transformações que se observam nos últimos anos nas sociedades contemporâneas, pois, o discurso científico sobre a família reflete uma forte relação com essas transformações sociais e culturais. A família multiespécie, nesse contexto, pode ser nada mais ou nada menos que uma nova configuração que explicita esse processo.

O discurso sociológico sobre a família apresenta um percurso marcado por contradições e paradoxos que acompanham as profundas transformações da sociedade ocidental do pós-Revolução Industrial, com interesses e desinteresses pelo seu estudo, conforme as vivências e a representação das crises da família eram lidas, frequentemente, como crises da sociedade. Apesar disso, há uma extensa literatura sociológica sobre família, com o predomínio da perspectiva funcionalista, sendo Talcott Parsons seu maior representante. A referência à sua perspectiva é indispensável, pois foi fundamental para a legitimação de um tema que futuramente se tornaria central nas discussões da sociologia da família: a separação, de acordo com o sexo, das funções desempenhadas no ambiente familiar. (PARSONS; BALES, 1955). Embora suas propostas, levantadas a partir dessa questão, tenham sido muito criticadas, a essa reação negativa se atribui parte do grande salto que a sociologia da família deu em seu desenvolvimento.

Porém, olhando amplamente através de um ponto de vista sócio-histórico, é possível observar diversos debates centrais no decorrer da construção da sociologia

da família. Com as perspectivas dos clássicos Émile Durkheim e Georg Simmel, a família conjugal moderna é pensada a partir de três grandes mudanças sociais e as origens do casamento são discutidas, sendo repensada, pela primeira vez, a desigualdade entre os sexos. Em Durkheim foi constatada uma certa simplificação ao afirmar como as relações familiares e suas normas associadas evoluíram no decorrer do seu período estudado, porém, quando se olha para a essência do que foi apresentado é possível identificar, como dominante até na atualidade, um sentido nas transformações propostas: a passagem da família "paternal" para a família conjugal moderna; uma mudança de valorização, antes centrada nos interesses e sentimentos do coletivo familiar, para o indivíduo; e o processo de alteração do papel do Estado em meio a essa nova organização familiar. Essa "família conjugal moderna" pressupõe a virada de chave onde a dependência em todos os sentidos dos filhos para com os pais e a importância da continuidade da descendência são deixadas para trás. Olhando para hoje, é perceptível, de forma dominante, a independência dos filhos em relação às escolhas e vontade dos pais, assim como o sentimento na centralidade do contexto familiar (TORRES, 2010).

Posteriormente, emergem as teorias de três grandes pensadores da sociologia da família, Ernest Burgess, Talcott Parsons e William Goode, acionando a modificação da ideia de família como "instituição" para a ideia de família como "companheirismo", movimentando também a discussão na qual funções na família são diferenciadas de acordo com o sexo. Na proposta de Burgess, Locke e Thomas (1960), saindo da lógica institucional onde se era imposto aos filhos a construção de uma família por interesses e conveniências, temos a família estabelecida através do casamento pela livre e espontânea escolha dos cônjuges. Uma configuração antes focada nas demandas patrimoniais e econômicas vai se descosturando devido, principalmente, ao impacto que a industrialização trouxe com o assalariamento difundido. Os mais novos, alcançando cada vez mais uma certa autonomia financeira, passam a encarar a família no âmbito da vida individual, o lugar de retribuição e bem-estar afetivo, e não como uma produtora de bens econômicos.

A partir dos anos 70 se testemunha um momento marcante na sociologia da família, em que as propostas feministas se intensificam através de Andrée Michel (1972 e 1978), Christine Delphy (1975), Linda Macdowell e Rosemary Pringle (1992) entre outros. É nesse momento que temas como a submissão feminina, a autonomia financeira da mulher, assim como um processo de transição conceitual no qual a

mulher, condicionada a suas funções biológicas, passa a ser concebida como mulher indivíduo, adentram com potência na sociologia da família. A percepção da maternidade, cuidado com os filhos, função historicamente sobrecarregada na mulher, a satisfação conjugal e a realização pessoal no contexto familiar foram colocadas em discussão.

A fim de concluir esse panorama fornecido pela sociologia da família para a discussão da família multiespécie, não poderíamos deixar de fora o debate atual a respeito da centralidade do afeto na definição de família. Grandes nomes como William J. Goode (1959, 1963), Niklas Luhmann (1986), Ulrich Beck (1990, 1995) e Elizabeth Beck-Gernsheim (2002) encabeçaram esse debate, questionando a reinvenção da família e o triunfo do sentimento amoroso estabelecido como centro das relações familiares. Nesta perspectiva, o amor não seria apenas um sentimento que pairaria acima ou fora da vida social e, por isso, só analisável no quadro da psicologia ou do inconsciente. Ele é considerado uma espécie de mola propulsora da ação, um discurso que, no quadro dos valores das sociedades contemporâneas, tem o poder suficiente para criar, em sentido literal e figurado, novas configurações sociais.

Entendemos que a família multiespécie, enquanto uma nova configuração familiar/social, tem como uma de suas raízes discursivas a entrada da componente amor/afeto. O afeto, que parece ter reestruturado o que seria a tradicional "família nuclear" e permitido a entrada de diversas possibilidades de estrutura familiar, como a adoção de filhos não biológicos, também permite, no momento, o parentesco interespécie. Isso porque há, no animal de estimação, a representação de um ente familiar, como diriam Geissler, Pozzatti e Disconzi: "Não se pode deixar de salientar que, nos dias de hoje, os animais não humanos preenchem espaços no universo humano, recebem afeto como um ente familiar, cada qual na particularidade subjetiva do núcleo a que pertence." (GEISSLER; POZZATTI; DISCONZI, 2017, p.17). Porém, estaria essa inserção do animal de estimação na estrutura familiar gerando uma perda gradativa da tessitura dos laços familiares humanos? Esse movimento discursivo do afeto nos faz pensar quais configurações e desconfigurações podem estar emergindo no meio familiar.

4.3 A FAMÍLIA MULTIESPÉCIE: UM DISCURSO EM EMERGÊNCIA

A relação entre humano e animal não humano é um tema analisado e discutido há um bom tempo por saberes consolidados, porém, o olhar específico que emerge das relações de parentesco envolvendo os mesmo é atual. O termo “família multiespécie” foi academicamente colocado pela primeira vez no Brasil em 2008, pela psicóloga e veterinária Ceres Berger Faraco, em dissertação de mestrado. Ela faz parte de um grupo de pesquisadores que atuam na área da Antrozootologia, que se propõe a estudar focalmente novas conformações familiares “multiespecíficas”, nas quais o grupo familiar é composto por humanos e seus animais de estimação, que se reconhecem e se legitimam nessa condição.

Apesar do termo ter surgido tardiamente, é possível encontrar certas representações de longa data dessa relação de parentesco, como em dois filmes produzidos pela *Walt Disney* extremamente populares: *Mogli, o menino lobo* (1967) e *Tarzan* (1999). O roteiro de *Mogli* foi inspirado em um livro de contos ainda mais antigo, *The Jungle Book* (1894) escrito por Rudyard Kipling. Dos sete contos que compõem o livro, os três primeiros são sobre *Mogli*, o menino indiano que foi criado por lobos. No filme, além de fazer parte de uma família composta por lobos, ele tem como melhores amigos Balu e Baguera que são, respectivamente, um urso e uma pantera. A narrativa familiar de *Mogli* remete rapidamente ao mito da fundação de Roma do século III a.C., no qual a loba Capitolina cuidou como uma mãe dos gêmeos Rômulo e Remo, salvando-os do abandono nas águas do Rio Tibre, amamentando-os e criando-os como irmãos. No caso do filme *Tarzan* temos outra semelhança, ele também foi inspirado em um livro, o romance de Edgar Rice Burroughs *Tarzan of the Apes* (1914). Nele o pequeno órfão John Clayton é adotado pela macaca Kala e recebe dela o nome *Tarzan*. Tanto no filme como no livro, *Tarzan* aprende a língua dos símios e a forma com a qual eles vivem, porém, suas capacidades humanas logo trazem vantagens e conflitos em sua vivência na selva, passando por crises constantes de identidade.

É perceptível nesses exemplos de narrativas antigas a tendência em direção a zoofilização do humano no contexto dessas relações de parentesco. Hoje se constata uma virada de chave ao olhar para as representações agora definidas como famílias multiespécie: um animal de estimação em meio aos humanos e uma tendência à antropomorfização. Nesse mesmo período observa-se o crescimento

significativo de vários tópicos envolvendo o animal no Brasil, em especial o de estimação. Temas como especismo e senciência dos animais ganham força, acompanhados das discussões geradas pelo direito dos animais e ética animal, movimentos que logo impactam no campo do legislativo.

O direito dos animais ou bioética é considerado um avanço no campo da legislação comemorado como ampliação da esfera democrática no século XXI: animais, considerados como máquinas na visão cartesiana, são agora considerados seres sencientes: sentem dor. Essa expressão impulsionada pelo jargão jurídico no Brasil e em outros países altera códigos civis e inaugura o ambiente legal em que animais deixam de ser tratados como coisas e ganham o estatuto legal de seres dotados de sensibilidade. (MAZON, 2020, p.58)

O mercado pet acompanha essa intensificação tanto da quantidade como da intimidade com que as relações multiespécie vêm alcançando (ABINPET, 2013). No decorrer desse tempo, o cão que já era antes visto como “melhor amigo do homem” passou a ser considerado membro da família. A Constituição Federal de 1988 inovou em vários sentidos o modo como a família era formalmente definida, e de forma indireta intensificou o “princípio da afetividade” como base para estruturação familiar, colocando a consanguinidade e o casamento em pé de igualdade às outras uniões (WITTER, 2016).

O Princípio da afetividade apesar de não estar expresso na constituição federal, pode ser identificado nos institutos da família, como por exemplo quando se fala em igualdade entre os filhos, na adoção, na união estável, na família monoparental, na família homoafetiva, na liberdade sobre o planejamento familiar, no exercício da paternidade responsável fundada na assistência afetiva, moral, intelectual e material da prole, na previsão de crimes contra a assistência familiar, no dever dos filhos de amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade, entre outros. (WITTER, 2016, p.21)

O afeto pode ter se tornado também porta de entrada para a maior aceitação do discurso de animais não humanos com integrantes da família.

5 REPRESENTAÇÕES PARTICULARES DA RELAÇÃO MULTIESPÉCIE: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA

5.1 UM OLHAR SOCIOLÓGICO PARA A FAMÍLIA MULTIESPÉCIE

Partindo do arsenal teórico apresentado nos capítulos anteriores e das reflexões levantadas, olhamos para o objeto de análise procurando reconhecer nos enunciados características do discurso do cão como membro da família. Assim como nos perfis de humanos no *Instagram*, o de cães se caracteriza pela construção de um perfil identitário, nos quais a maioria apresenta a rotina pessoal e familiar no compartilhar do seu cotidiano. Portanto, a investigação envolveu 4 perfis de cães no *Instagram* e um total de 80 postagens com conteúdos textuais foi analisado e organizado nas seguintes categorias e subcategorias:

Tabela 3: Lista de códigos

Traços de individualidade/personalidade
Espiritualidade
Senso de Humor
Consciência Social/Histórica
Desejos
Crenças
Fala Articulada
Emoções
Família
Relação de parentesco
Avô
Sogra
Avó
Bisavô

Primos
Pai
Mãe
Reafirmação do caráter familiar
Infantilização
"Vida de cão"
Relacionamento Romântico
Nomenclatura Humana no trato com o animal
Marcadores de Raça
Defesa da adoção
Signos humanos
Comida
Local da casa
Roupas/Acessórios
Rituais
Primeiro mergulho
Páscoa
Dia da Independência
Dia de Ação de Graças
Dia das Crianças
Primeiro dia na Escola
Aniversário de Namoro
Dia das Mães
Dia dos Namorados
Halloween
Carnaval
Festa de São João
Natal
Dia dos Pais
Aniversário

Fonte: elaboração da autora

Por meio do *software* MAXQDA foi possível realizar a análise de conteúdo que nos levou até essa categorização das legendas, referenciando o sentido dos

elementos codificados da seguinte maneira: (1) “traços de individualidade/personalidade”: categoria composta por elementos dos enunciados que constituem a “individualidade do cão”, representados nas subcategorias espiritualidade, senso de humor, consciência social/histórica, desejos, crenças, fala articulada e emoções; (2) “Família”: categoria composta pelas citações ou reafirmações do caráter familiar/parental nos enunciados, representada nas subcategorias relação de parentesco (no caso de relações que não são diretamente familiares, como madrinha), avô, sogra, avó, bisavô, primos(as), pai, mãe e reafirmação do caráter familiar; (3) “Infantilização”: categoria composta por enunciados que mantêm a narrativa do cão como dependente e/ou infantil, independente dos seus anos de vida; (4) “Vida de cão”: categoria composta pelos enunciados que retratam uma suposta rotina do que envolve o cotidiano de um cão, como subcategoria para um caso específico e significativo temos o relacionamento romântico; (5) “Nomenclatura Humana no trato com o animal”: categoria composta pelos enunciados em que se foi articulada uma nomenclatura, a princípio unicamente usada para humanos em um contexto humano, para os cães (como “bebê”); (6) “Marcadores de Raça”: categoria composta por enunciados que citam a raça definida ou não (no caso do vira-lata) dos cães, como subcategoria para casos específicos temos a defesa da adoção; (7) “Signos Humanos”: categoria composta por enunciados que articulam signos, a princípio unicamente humanos em contextos humano, para os cães, representada pelas subcategorias comida, local da casa e roupas/acessórios; por último a categoria (8) “Rituais”: composta por enunciados que retratam a participação dos cães em rituais humanos, representada pelas subcategorias primeiro mergulho, Páscoa, Dia da Independência, Dia de ação de Graças, Dia das Crianças, primeiro dia na Escola, aniversário de Namoro, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Halloween, Carnaval, Festa de São João, Natal, Dia dos Pais e aniversário. Algumas das especificidades mais marcantes foram encontradas no processo de categorização, tornando desafiador definir certos códigos, como foi o caso da categoria “Vida de cão” e a subcategoria “Fala Articulada”.

Por se tratar de perfis identitários é possível pensar que todo o conteúdo ali encontrado diz respeito a uma “vida de cão”, porém, nessa categoria buscamos incluir apenas conteúdos que retratavam uma rotina do dia a dia de um cão, semelhante à ideia de rotina humana, com vivências e tomadas de decisão não esperadas de um animal de estimação. Já na subcategoria “fala articulada” é preciso

esclarecer: todos os conteúdos tratam de supostas falas que esses cães apresentam através das legendas para se comunicar com sua rede de seguidores, no entanto, codificamos como fala articulada somente os casos em que encontramos uma comunicação complexificada, articulando pergunta, sotaques, etc. Por fim, é necessário ressaltar que são os humanos, provavelmente os “pais” dos cães, que criam o perfil desses animais no *Instagram*, escrevem as legendas de acordo com suas escolhas e compartilham as postagens como se fossem os próprios animais. Os cães, sem essa possibilidade, não têm escolha ou como demonstrar o seu consenso a respeito dessa exposição.

5.1.1 A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO: MEMBRO DA FAMÍLIA

“Eu to neivoso, hozi chegou visita e a mamãin falou : não reapala a bagunça viu, é que o Niki vai bagunçando tudo. Eu assei um abissudo issai, é que a visita num abliu os amálios.... enfim a hipoclisia. Zezuis!” (nikki_blogueirinho, 29/09/2021). Falas como essa do Niki exemplificam uma prática categorizada 64 vezes no decorrer das 80 postagens: o processo de individuação desses cães a partir da apresentação de traços de individualidade/personalidade. O “Niki vai bagunçando tudo” caracterizando-o como um indivíduo bagunceiro, o “neivozo” e o “assei um abissudo” como uma demonstração de emoções bem definidas e complexas, o “enfim a hipoclisia” e “Zezuis” como uma demonstração de senso de humor sarcástico através de expressões conhecidas e a fala articulada através da citação da pergunta de sua “mamãin” junto com os maneirismos nos erros ortográficos, como se fosse uma criança falando. Os correspondentes escreveram sobre seus animais não apenas como indivíduos, mas também como tendo personalidades diferentes e únicas. A partir desse enunciado já é possível começar a entender como o Niki é apresentado enquanto indivíduo: bagunceiro, engraçadinho, nervoso e infantil.

Figura 1: Postagem do perfil do Nikki (@nikki_blogueirinho).



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CUa6q36pPzJ/>

Em um enunciado, dessa vez do Alecrim, é possível encontrar, além dos traços exemplificados anteriormente, outros novos: “Olha a gente em casa enquanto a vacina não chega! É galera...o Carnaval passou, mas a vontade não. Então só nos resta esperar e fazer a nossa parte para que 2022 seja um ano com mais saúde e mais festas.” (alecrim_thespitz, 07/03/2021). Na expressão “enquanto a vacina não chega” e a denotada preocupação com o isolamento, temos uma demonstração de consciência social, um desejo unido com um senso de humor é apresentado em “o Carnaval passou, mas a vontade não” e, finalizando, ele deseja, junto com uma consciência social, mais uma vez, que cada um faça sua parte: “para que 2022 seja um ano com mais saúde e mais festas”.

Na investigação, as codificações que emergiram ao observar a construção da individualidade de cada cão apontaram para a fala articulada, emoções, desejos, senso de humor, consciência social/histórica, crenças e espiritualidade. Observando o gráfico de barras abaixo é possível ver o número de ocorrência de cada subcategoria dentro do conteúdo analisado:

Figura 2: Número de ocorrência das subcategorias dos Traços de Individualidade/Personalidade.



Fonte: elaboração da autora.

Partindo da codificação realizada, o MAXQDA também nos permitiu trabalhar com os dados qualitativos de diversas formas, inclusive nessa visão de gráfico, oferecendo uma efetiva percepção do núcleo que compõe a categoria sobre traços de individualidade/personalidade: as emoções, o senso de humor e a fala articulada. Essas três subcategorias se mostraram muito presentes na análise, demonstrando o quanto centrais são para que o discurso do cão como membro da família fosse possível, nos levando de volta a questões fundamentais colocadas anteriormente.

É notável na configuração estudada o movimento que possibilita que o processo de individualização não se limite aos humanos, processo esse que de fato institui nome próprio, fala articulada, personalidade, consciência e sentimentos complexos para animais de estimação. Nos fazendo revisitar os impedimentos colocados por Elias (1994b) a respeito desse processo, por que será que o fato de não terem as capacidades psicomentais tão maleáveis como as humanas não estão mais impedindo os animais de estimação de serem construídos como indivíduos com personalidade própria no contexto social estudado? A diferença para o processo entre humanos e animais não humanos, tão enfatizada pelo autor, é colocada em prova com a emergência dessa configuração familiar. Dentro dela o cão é apresentado como um indivíduo único com pensamentos próprios que agrega para essa configuração assim como a configuração agrega para o desenvolvimento dele como indivíduo.

A codificação com foco nas emoções e no campo do afetivo obteve uma das

mais altas ocorrências na análise, de 43 vezes. Frases como “eu adoro uma zanela” (nikki_blogueirinho, 10/05/2021), “ela me ama (ama) incondicionalmente” (blueheelerzoe, 12/05/2019) e “que cuida de mim e da mamãe e nos faz felizes todos os dias” (alecrim_thespitz, 11/08/2019) são exemplos comuns dessa ocorrência, chamando atenção para como o componente amor/afeto está efetivamente nas raízes dessa configuração multiespécie. A maior liberdade de escolha, o repensar de certos papéis e, principalmente, o afeto como chave para a construção familiar foram questões geradas pelo apanhado sócio-histórico da sociologia da família que se mostram, de fato, relevantes. A preponderância com que esse indivíduo é construído por meio das emoções e do afeto parece estar intimamente relacionado com o seu lugar na família.

A categoria “Vida de cão” acrescenta alguns elementos interessantes nesse processo de individuação, ao sugerir que o cão teria uma rotina ligada aos seus gostos pessoais, seus deveres, sua condição de existência e até mesmo suas relações não familiares. Situações como ter que ir para a escolinha (lisamaria_dog, 06/07/2020), encontrar os amigos (alecrim_thespitz, 21/04/2021), ir almoçar com as mães de cães (lisamaria_dog, 04/11/2018) são exemplos das práticas que compõem a “vida de um cão”, porém, uma chamou atenção em específico: na vida de um cão também há possibilidade de um relacionamento amoroso. “Hoje é aniversário do namô!! O melhor parceiro de todas as horas! O cara que eu mais admiro ♥ Namô, você enche nossos corações de alegria!! Obrigada por existir! Desejo mais mil anos pra comemorar!! Feliz aniversário!!!!” (lisamaria_dog, 16/02/2021) Nesse enunciado, além de estar comemorando um aniversário, Lisa Maria faz uma declaração para o seu “namorado”, cheia de emoções e desejos. Ela, como indivíduo, teria um suposto relacionamento, assim como uma humana, para além do núcleo familiar.

Em paralelo à como as origens socioculturais constroem e falam sobre a história de um indivíduo humano, assim o marcador de raça se mostrou para o indivíduo cão. Em todos os quatro perfis, a raça, definida ou não, foi evidenciada. No perfil do Alecrim, sua própria conta apresenta a raça, Spitz alemão. No nome e em praticamente todas as legendas, seu marcador de raça era declarado nas *hashtags*³.

3 “Uma hashtag é uma palavra ou uma frase prefixada, precedida pelo símbolo # (hash, em inglês). Na verdade, e mais radicalmente, qualquer combinação — mesmo aleatória — de letras ou caracteres liderados pelo símbolo # é uma hashtag, porque se trata justamente de uma formalização da linguagem de tal ordem que nenhuma semântica vem caracterizá-la como linguagem.” (COSTA-

No perfil da Zoe, assim como no do Alecrim, a raça blue Heeler está evidenciada no nome da conta; foi encontrada uma postagem⁴ dedicada só a explicar sobre sua raça (blueheelerzoe, 17/07/2018). Já no perfil da Lisa Maria e do Niki, o fato de serem vira-latas não consta no nome de suas contas e poucas vezes foi apresentado o marcador “sem raça definida” (SRD) ou “vira-lata”, porém, um diferencial perceptível foi que, no perfil deles o tema adoção apareceu, e sua defesa estava presente. Em nenhum momento no perfil da Zoe e do Alecrim é citado que eles foram comprados com o mesmo orgulho que a adoção aparece no perfil da Lisa Maria e Niki.

A ocultação ou não do processo pelo qual o animal chegou até a família mostra-se bem dividido pelo marcador de raça, havendo um orgulho em evidenciar a raça daqueles que a têm definida, mas não se fala da compra desse membro da família. Por outro lado, com os vira-latas, a questão de não ter uma raça definida não é evidenciado, mas o fato de terem chegado na família pela adoção é colocado como fato significativo e honroso. Essa perspectiva parece agregar na formação de “indivíduos” que carregam características de sua raça definida, como no caso do Alecrim e da Zoe, e, no caso do Niki e da Lisa Maria, agrega para a geração de “indivíduos” que possuem consciência e orgulho da adoção.

A aparente necessidade que os humanos demonstraram em ver e apresentar seus cães como indivíduos únicos e conscientes pode ser, de certa forma, lido como uma intenção de demonstrar a importância e profundidade que esse animal tem em suas vidas. Porém, até que ponto esse “indivíduo cão” não é apenas um reflexo de suas individualidades, desejos e imagem? Mesmo envolvendo um grande afeto, não se considerou que esses cães não escolheram ter um perfil ou muito menos falar tudo que é exposto, quanto mais, ser tal indivíduo único e complexo de acordo com nossos signos e nomenclaturas. Até que ponto as fronteiras entre humano e animal de estimação foram ultrapassadas, mas não superadas? Para serem valorados e considerados membros da família tiveram que performar indivíduos humanizados, um movimento de minorar o que seria animal, selvagem, inferior. Põe-se no lugar

MOURA, 2014, p.150)

4 “Hoje resolvi falar sobre os nomes que minha raça recebe. O oficial é AUSTRALIAN CATTLE DOG, ainda chamados de BOIADEIRO AUSTRALIANO, BLUE HEELER OU RED HEELER (dependendo da cor de nossa pelagem), QUEENSLAND HEELER, ACD e ainda, CATTLE DOG. Como o nome original sugere, somos oriundos da Austrália ou e os primeiros cães dentro do padrão foram descritos pela primeira vez em 1902. Estão gostando de saber mais sobre mim? Auces tem alguma curiosidade?”

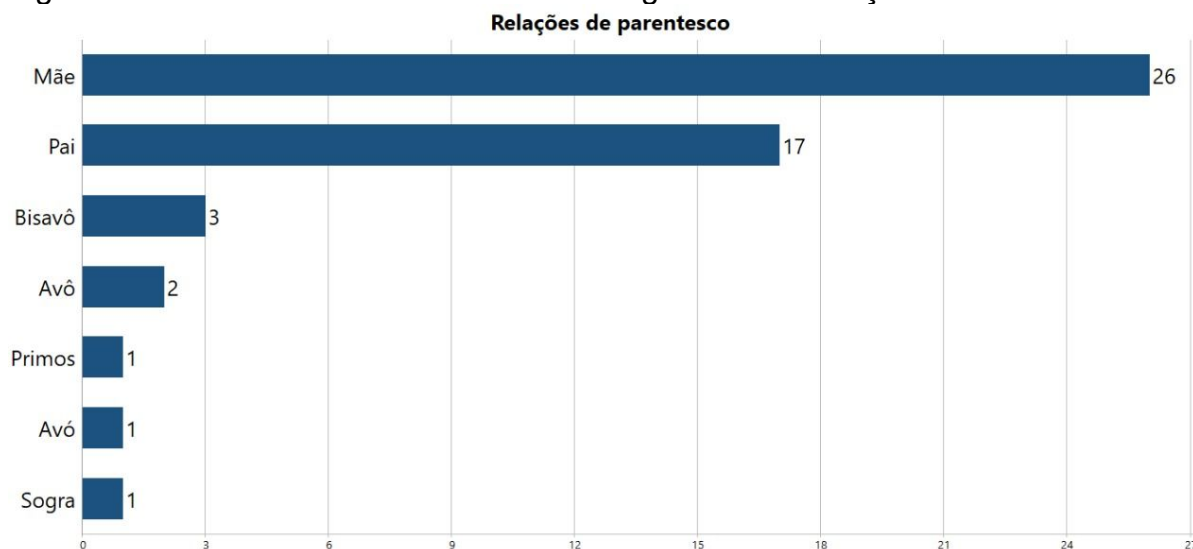
aquilo que seria humano, civilizado e superior, ainda que haja possibilidade de que esse exercício aconteça de forma inconsciente nesse processo. A discussão acerca da animalidade/humanidade de Ingold (1994) se mostra, mais do que nunca, necessária: até que ponto o conceito de humanidade estaria se diluindo quando olhamos para esses “indivíduos”? Ou estaria se reformulando?

5.1.2 A CONFIGURAÇÃO DA FAMÍLIA

Ao analisar os quatro perfis de cães, foi notável como em nenhum se tentou esconder ou amenizar a condição deles como membros da família, muito menos se apresentou qualquer espaço para questionamento disso. Foi encontrado, na verdade, muito orgulho, afirmação e até mesmo reafirmação do caráter familiar nessa condição. Enunciados como os seguintes exemplificam bem esse caso: “Papai pet vale sim!” (alecrim_thespitz, 11/08/2019); “A mamãe que eu escolhi, me adotou!” (lisamaria_dog, 14/06/2016); “Hoje é Dia dos Pais, e já que pets também têm pais humanos...a minha homenagem não poderia ficar de fora.” (alecrim_thespitz, 09/08/2020); “E eu sou muito grata por ter uma família que me ama” (blueheelerzoe, 05/12/2018); e “Eu e minha família, mamãin, papaizineo, o Bisa, até a Cloclo.” (nikki_blogueirinho, 20/10/2020). No contexto deles, se expressou mais do que óbvio que, sim, eles fazem parte de uma família e não existem barreiras ou diferenças que impeçam essa relação de existir.

No decorrer da análise, percebeu-se como as relações de parentesco articuladas em volta dos cães eram complexas, não se limitando aos pais. No gráfico de barras abaixo é possível observar a ocorrência e quais relações foram apresentadas.

Figura 3: Número de ocorrência das subcategorias das Relações de Parentesco.



Fonte: elaboração da autora

Algo que logo se torna visível é que, em todos os quatro perfis, o cão era o único filho da família e nenhuma relação de parentesco envolvendo irmãos foi constatada. Essa situação conversa com bibliografias que informam a tendência de o maior número de famílias multiespécie se encontrarem em uma configuração em que não se tem filhos humanos, colocando muitas vezes o filho não humano como o responsável por preencher esse papel na família (CARVALHO E PESSANHA, 2013; CHARLES, 2014; e GAZZANA e SCHMIDT, 2015). Observando esse processo de filhotização (INGOLD, 1994) dos cães nos perfis, surgiu a categoria “infantilização”. Ela partiu da percepção de uma certa ocorrência de práticas discursivas nas quais o cão, independente do seu desenvolvimento e anos de vida, era colocado num lugar de completa dependência, uma “eterna criança”. Podemos ver nesse enunciado um exemplo disso: “Feliz #diadascrianças pra todos os animaizinhos que são as melhores crianças do universo, pra todos os tios que têm espírito de criança tmb, não deixem nunca a criança que mora em vcs morrer” (blueheelerzoe, 12/10/2018). Aqui fica uma dúvida: que todos os animaizinhos são esses aos quais se refere; são só os de estimação a quem esse olhar humanizado alcança? Esse lugar contínuo de “bebê da família” traz a reflexão de como o cão consegue estar, ao mesmo tempo, nessa esfera do infantil, em desenvolvimento, e ser, por outro lado, visto como um indivíduo falante com personalidade única, escolhas e emoções complexas, encontradas, segundo Elias (1994b), em indivíduos adultos.

Apesar da categoria gênero não ter se mostrado relevante em relação aos próprios cães, ela se sobressaiu em outro elemento: a quantidade de ocorrência

com a qual “mãe” aparece em comparação às outras relações de parentesco. Esse dado confirma o padrão encontrado na análise, onde a mãe aparece como figura central na convivência, cuidado e afeto em relação ao filho não humano. Algo tão discutido na sociologia da família como a divisão de funções por gênero no âmbito familiar, parece se manter necessária nas famílias estudadas. É com destaque que mais uma vez a figura da mulher na família é limitada ao papel de mãe, suas condições biológicas, como aquela que deve se responsabilizar quase em sua totalidade pelo crescimento e cotidiano dos filhos, se tornando uma figura mais presente no decorrer das legendas dos perfis.

O afeto vem exercendo um papel fundamental para a configuração e manutenção de famílias mesmo considerando toda a complexidade de disputas e conflitos que pode trazer consigo, sendo em sua maioria constituídas por pessoas que escolheram estar ali e têm umas pelas outras grande apreço. No caso dos quatro perfis analisados, o amor se apresenta como cola principal das relações de parentesco multiespécie. Muitas vezes como um amor diferente do “amor humano” e, em certos casos, até melhor. Os seguintes enunciados exemplificam isso: “Feliz Dia das Mães! Esse amor é verdadeiro...o resto é amor humano! Main (mãe) te darei minha patinha e meu coração” (blueheelerzoe, 09/05/2021) e “Coração de mãe de pet sempre cabe mais um.” (alecrim_thespitz, 21/04/2021).

Mas o que esse “amor de cão” tem de diferente? O que poderiam estar fazendo esses pais compararem o amor nessas condições? Pastori e Matos (2015) trazem à reflexão um tema que conversa com a situação: o “amor incondicional”. Esse amor que muitas vezes os pais descrevem como sendo o oferecido pelo seu animal de estimação, um amor sem ressalvas, sem enganação, é um amor puro de total entrega. Algo que eles não encontram nas relações humanas, que são sujeitas a falhas, desacordos e traições.

Ter um animal de estimação em casa é ter a garantia de um afeto transbordante que remete os humanos a um lugar existencial mais seguro, afinal, eles oferecem uma segurança inexistente em seu mundo. Assim é que, ao mesmo tempo em que se processaria uma “humanização” dos animais de companhia, reconhece-se neles um elemento que inexistente no mundo humano, sendo por isso, principalmente, que se deseja que eles coabitem a intimidade no espaço doméstico. Esse elemento do mundo animal elegido pelos donos que têm animais de companhia é a incondicionalidade do amor, inexistente no “mundo humano”, cheio de fissuras, fraturas, mundo em que há o torto. (PASTORI E MATOS, 2015, p.118)

O questionamento sobre até que ponto esse amor é muito mais sobre o que os humanos querem e estão buscando, em que os animais se encontram dependentes e sem voz para gerar uma possível frustração, é um direcionamento importante para aprofundamento posterior. Permanece a preocupação em investigar o quanto essas pessoas de fato estão deixando de acreditar e valorizar suas relações humanas familiares em detrimento dessa “relação verdadeira” com seus animais de estimação.

5.1.3 O RELATO DE UMA FAMÍLIA MULTIESPÉCIE

Partindo da conversa realizada junto à família multiespécie, foi possível encontrar aspectos que conversam com pontos levantados pelos perfis de cães, enfatizando o lugar de relevância que esses temas têm no contexto dessa configuração familiar. A começar pela própria estrutura que compõe essa família na qual, assim como nos perfis, a Mama é a única filha do casal. No decorrer da conversa elas comentam que, em Fortaleza, funcionam grupos de socialização organizados por raça:

[...], mas aqui existem os clubes das raças, toda raça que você imaginar tem um clube né, tem o clube dos Yorkshire, dos shitzus. Aí têm as dissidências...a pessoa briga aí lança outro da mesma raça, e tem o dos vira-latas que é o que a Mama faz parte. E são grupos organizados, por exemplo, aqui o dos vira-latas se faz um calendário anual, se marca um dia, vem um fotógrafo, tira foto dos cachorros todos com a bandana do grupo e cada mês é um. Tem uns que fazem festa, outros arrecadam ração *pra* abrigo, tem vários tipos de atividade, mas a maioria são organizadas. (D, 06/09/2021)

No clube em que elas fazem parte, o de vira-latas, não é permitido levar crianças para os encontros devido a um possível estranhamento que possa ocorrer entre elas e os cães. Elas trouxeram a informação de que, possivelmente, nenhum dos membros desse clube têm “filhos humanos”: “Aí no dos vira-latas a gente sempre gosta muito que não vá não, também acho que nenhuma tem filho né? Acho que nenhuma de nós tem filho não, humano né (risos).” (D, 06/09/2021). Além da constatação desse padrão de estrutura familiar, algo que chamou atenção na fala dela foi a clara definição de gênero quanto aos membros do grupo em “nenhuma de nós”, trazendo a figura da mulher, mais uma vez, para o protagonismo dessa relação

multiespécie. Estariam as mulheres, sócio e historicamente pressionadas e ligadas ao papel da mãe, atribuindo a seus animais de estimação a função de filhos como uma resposta a essas tensões?

Seguindo no relato foi perceptível como a Mama, além de ser apresentada enquanto um indivíduo de personalidade forte, com vontades e gostos específicos como no comentário “Assim, a Mama ela só não fala, mas ela é tão inteligente, ela dá recado. É a dona, chefe, a patroa. Ela que manda em tudo.” (D, 06/09/2021), ao mesmo tempo ela é completamente dependente e incapaz de ficar sem as mães:

Mama é o divisor de águas da vida da gente, ela serve de tudo, até antidepressivo a mama é. Hoje em dia a gente tem hora para voltar pra casa, a gente não pode simplesmente sair e a, fazer como a gente fazia antes, de sair pro supermercado e terminava numa festa. Hoje em dia a casa é cheia de câmera para a gente ficar olhando pelo celular, ela vive num eterno big brother, quando a gente não acha ela dentro de casa, fica louca porque nenhuma câmera está encontrando a gente já volta. (D, 06/09/2021)

O impacto dessa dependência apareceu quando questionadas sobre como a rotina delas passou a ser depois que a Mama chegou: “[...] a gente vive em função da Mama, da rotina dela, dos horários dela.” (D, 06/09/2021), porém, em nenhum momento essa situação foi colocada como um problema pelas entrevistadas, muito pelo contrário, pois o “amor incondicional” oferecido pela Mama faz tudo valer a pena:

Ela é muito sabida, e é um amor sem...é um amor tão puro, que não pede nada em troca sabe, só comida na hora certa, religiosamente, ela começa a aperriar quatro e meia da manhã, até nisso ela mudou a vida da gente, a gente acorda todo santo dia, eu posso ter dormido três horas, mas cinco horas eu tô dando comida. Né, porque ela é muito, ela é um relógio. Ela tem as necessidades que são pouquíssimas frente o que ela proporciona para a gente, raramente ela fica doente, né mama? Né filha? (interagindo com a Mama) (D, 06/09/2021)

Mama é a eterna bebê da família, sendo até mesmo definida pelas mães em um certo momento como uma “criança recém-nascida”. Em meio a essa relação multiespécie de profunda entrega e afeto, se constrói uma narrativa de amor que não pede nada em troca, mas que, na verdade, envolve várias condições e concessões que alteram desde as decisões mais simples do dia a dia familiar até as escolhas mais decisivas. Parece existir nessa dinâmica uma condição perpétua de domínio e segurança, de que esse filho não humano jamais sairá de casa,

comunicará intencionalmente pensamentos e emoções que machuquem ou frustrem e, nunca deixará de depender.

6 CONCLUSÃO

Por fim, após discorrer detidamente sobre temáticas que envolvem a discussão sobre o lugar do cão na família multiespécie, pode-se inferir algumas questões principais. Refletiu-se, assim, se presentemente há uma fragmentação na visão de indivíduo como conceito. A partir das análises efetuadas, é notável o

movimento que possibilita que o processo de individualização não se limite aos humanos, processo esse que de fato institui nome próprio, fala articulada, personalidade, consciência e pensamento complexo para os cães. Apesar de, a princípio, não ter as capacidades psicomentais maleáveis, como aponta Elias (1994b), isso não impediu que os animais de estimação fossem construídos como indivíduos com personalidade própria no contexto estudado. Nele, o cão é apresentado como um indivíduo único e parece agregar para a configuração familiar assim como a configuração agrega para o desenvolvimento dele como indivíduo.

Compreendeu-se, desse modo, que as fronteiras entre animais de estimação e seres humanos foram ultrapassadas, mas não superadas. Observou-se uma dinâmica que, para se tornarem esses indivíduos “cães”, suas características animais, “selvagens”, estariam sendo suprimidas em prol de características de indivíduos humanos, “civilizados”, imbuídas por seus tutores, ainda que de forma inconsciente. O próprio objeto da presente pesquisa é um reflexo de como essa dinâmica opera, no fato mesmo de se ter um perfil do animal de estimação numa rede social, onde é exposto esse indivíduo “cão”, único e complexo, a partir de majoritariamente signos e nomenclaturas humanas. Ao analisar mais profundamente as relações de parentesco, a categoria “mãe” tem destaque quando comparada a outras relações, de modo que se notou que um padrão já problematizado na sociologia da família parece se repetir, no qual a figura da mulher na família é limitada a um papel de mãe, em suas condições biológicas, a qual deve se responsabilizar quase que em totalidade pelo crescimento e cotidiano dos filhos, nesse caso, não humanos.

Percebeu-se que o afeto vem exercendo um papel fundamental para a configuração e manutenção de famílias. No caso das famílias multiespécies estudadas, ele se mostrou o ponto central das relações em questão. Por parte dos animais de estimação, lhes é imbuído o “amor incondicional”, dito puro, de total entrega. Esse, porém, parece estar bastante ligado à relação de dependência, mutez e constância desses, podendo-se assim, considerar os impactos na percepção das próprias relações humanas familiares, no sentido que parece se encontrar nesse “amor de cão” um afeto ideal, não sujeito a frustrações, traições e discordâncias, impossível entre humanos.

Na pesquisa realizada, encontrou-se uma limitação de proximidade do objeto estudado, já que os perfis do Instagram foram o formato do objeto mais próximo que

se conseguiu acessar sem ter as condições de investigar as famílias de forma mais direta. Outra insuficiência percebida é a pequena amostragem, não permitindo, a partir da análise, traçar conclusões generalizantes. Também, mesmo percebendo a relevância da discussão, no presente trabalho, não foi possível estender as análises a fim de aprofundar a compreensão de como a inserção do animal de estimação na estrutura familiar de fato afeta a tessitura dos laços familiares humanos. Outro tema que foi levantado no trabalho e merece um olhar mais detido é a relevância que se apresentou na própria forma de organização das famílias estudadas, sendo curioso o fato do cão ser o filho unigênito em todas elas.

Sem o intuito de buscar promover uma definição sobre o que é família, ou ainda, o que é família multiespécie, o presente trabalho procurou investigar casos específicos e levantar possíveis problemáticas relativas ao tema, configurando assim, um espaço de reflexão sobre as relações multiespécies, a categoria afeto no contexto familiar e a insurgência de outras possibilidades de compreensão do que é ser indivíduo.

REFERÊNCIAS

ABINPET – **Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. População de pets cresce 5% ao ano e Brasil é quarto no ranking mundial.** Disponível em: <http://www.2pro.com.br/site/populacao-de-pets-cresce-5-ao-ano-e-brasil-e-quarto-no-ranking-mundial/> Acesso em: 13 de outubro de 2020.

ARIAS, J. **Lares brasileiros já têm mais animais que crianças**. El País. Publicado em 10.jun.2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/09/opinion/1433885904_043289. Acesso em: 13 de outubro de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Presses Universitaires de France, 1977. Tradução de Luís Antero e Augusto Pinheiro. Edições 70, LDA. Lisboa, Portugal.

BELK, Russell W. **Metaphoric Relationships with Pets**. Cambridge, UK. The White Horse Press, Society and Animals, Volume 4, Number 2, 1996.

BECK, Ulrich e BECK-GERNSHEIM, Elizabeth. **The normal chaos of love**. Cambridge, Polity Press, 1990 e 1995.

BECK-GERNSHEIM, Elizabeth. **Reinventing the Family**. On Search of New Life Styles, Cambridge, Polity Press, 2002.

BURGESS, Ernest, LOCKE, M. J, THOMAS, M. **The family from institution to companionship**. Nova York, American Book, 1960.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRIZOLA, Jairo e FANTIN, Nádia. **Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura**. RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016.

CARVALHO, R.L.S. e PESSANHA, L.D.R. **Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro**. SOCIAIS E HUMANAS, SANTA MARIA, v. 26, n. 03, p. 622 – 637, 2013.

COSTA-MOURA, Fernanda. **Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos**. Ágora (Rio de Janeiro) v. XVII número especial agosto de 2014, p.141-158.

CHARLES, Nickie. **'Animals Just Love You as You Are': Experiencing Kinship across the Species Barrier**. Downloaded from soc.sagepub.com at TEXAS SOUTHERN UNIVERSITY, Vol. 48(4), p. 715–730, December 1, 2014.
 DELPHY, Christine. **Pour un féminisme matérialiste**. L'Arc, n. 61, p. 61-67, 1975.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes**. Vol.I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

_____. **O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização**. vol.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

FARACO, Ceres Berger. **INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL**. Ciênc. vet. tróp., Recife-PE, v. 11, suplemento 1, p. 31-35 abril, 2008.

FARACO, C. B. **Interação Humano-Cão: o social constituído pela relação interespécie**. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Tese (Doutorado em Psicologia), Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 3 edição: Abril de 1996.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**; tradução Salma Tannus Muchail. — 8a ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999. — (Coleção tópicos).

_____. **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 - Campo teórico.

FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para internet** / Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral. — Porto Alegre: Sulina, 2011.

GAEDTKE, Kênia Mara. **“Quem não tem filho caça com cão”**: Animais de estimação e as configurações sociais de cuidado e afeto. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2017.

GAZZANA, Cristina e SCHMIDT, Beatriz. **Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie**. III Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), Caxias do Sul (RS), 2015.

GEISSLER, A.C.J., POZZATTI JUNIOR A., E DISCONZI, N. **Reconhecimento dos animais de estimação como membros da família multiespécie, no ordenamento jurídico-brasileiro**. In: Fronteiras da bioética: os reflexos éticos e socioambientais [recurso eletrônico] / org. Luis Fernando Biasoli, Cleide Calgaro. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2017, p.13-32

GILL, Rosalind. **Justifying Injustice: Broadcasters' Accounts of Inequality in Radio**. In: E. BURMAN & I. PARKER (eds.). Discourse Analytic Research: Readings and Repertoires of Texts in Action. London: Routledge, 1993.

GOODE, William. **“The theoretical importance of love”** in American Sociological Review, fevereiro de 1959.

_____. **Revolução Mundial e Padrões de Família**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1963.

GREGOLIN, M. R. V. **Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos**. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. (Org.). Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003, p.21-34.

INGOLD, Tim. **Humanidade e Animalidade**. Tradução: Vera Pereira. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Routledge, 1994.

_____. **O que é um animal?** Tradução: Gláucia Silva e Rosane Prado. Antropolítica Niterói, n. 22, p. 129-150, 1. sem, 2007.

Instituto Pet Brasil (IPB). **Censo Pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil.** Publicado em: 12.jun.2019. Disponível em: [http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-estimacao-no-brasil/](http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/) Acesso em: 13 de outubro de 2020.

KNEBEL, A. G. **Novas configurações familiares: é possível falar de constituição familiar desde a relação multiespécie?** Santa Rosa: UNIJUÍ, 2012. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia), Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1976.

LIMA, Lunélia Amaral Lima e SOUZA, Flávia Mayer dos Santos. **A presença de médicos no Instagram e a construção do discurso de vida saudável.** 6 Seminário de Comunicação e Territorialidades: caminhos da comunicação no mundo em crise. Universidade Federal do Espírito Santos, Espírito Santo, 2020.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de Araújo. **Animais de estimação e civilidade: a sensibilidade de empatia interespécie nas relações com cães e gatos.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2016.

LUHMANN, Niklas. **Love as Passion, The Codification of Intimacy.** Cambridge, Polity Press, 1986. MACDOWELL, Linda e PRINGLE, Rosemary (orgs). **Defining Women, Social Institutions and Gender Divisions.** Londres, Polity Press, 1992.

MAZON, Marcia da Silva. **O melhor amigo do homem: Afetos e cachorros no Brasil em perspectiva sociológica.** Estudos de Sociologia / Universidade Estadual

Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - v.25, n.49 e p.55-77. Araraquara, 2020.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso e ciberespaço: heterotopias contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.

MENDES, Marcia Socorro de Oliveira e ESPÍRITO SANTO, Rodrigo Andrade do. **Instagram: a relevância dos recursos multimídia**. Amazônia: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E CULTURA - UNAMA, N. 1, 2016.

MICHEL, Andrée (1983, 1972). **Sociologia da família e do casamento**. Lisboa, Rés editora, (tradução s/data) 1a edição, 1972, 2a edição 1978.

MOGLI - O Menino Lobo. Direção: Wolfgang Reitherman. Produção de Walt Disney Feature Animation. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1967.

MORRIS, Paul, FIDLER, Margaret and COSTALL, Alan. **Beyond Anecdotes: An Empirical Study of “Anthropomorphism”**. Koninklijke Brill NV, Leiden, Society & Animals 8:2, 2000.

PARSONS, T. & BALES, R.F. **Family, socialization and interaction process**. Glencoe, Free Press, 1955.

PASTORI, Érica Onzi e MATOS, Liziane Gonçalves. **Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação**. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 3, n. 1, p. 112-132, 2015.

PESSANHA, Lavínia Davis Rangel e CARVALHO, Roberto Luís da Silva. **FAMÍLIAS, ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E CONSUMO: um estudo do marketing dirigido aos**

proprietários de animais de estimação. Signos do Consumo, São Paulo – V.6, N.2, 2014. P. 187-203, DEZ. 2014.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Direito de família e o novo Código Civil.** Coord.: Rodrigo da Cunha Pereira e Maria Berenice Dias. Belo Horizonte: Del Rey/IBDFAM, 2002.

RESULTADOS DIGITAIS. **Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2021, com insights e materiais gratuitos.** Publicado em: 24.agos.2021. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em: 27 de novembro de 2021.

KIPLING, Rudyard . **The Jungle Book.** Macmillan Publishers Ltd, 1894.

TARZAN. Direção: Chris Buck e Kevin Lima. Produção de Walt Disney Feature Animation. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999.

RICE BURROUGHS, Edgar. **Tarzan of the Apes.** A. C. McClurg, 1914.

TORRES, Anália Maria Cardoso. **Relatório da Unidade Curricular: Sociologia da Família Teorias e Debates.** ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia. Lisboa, 2010.

THOMAS, Keith. 1996. **O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de Atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)** / Keith Thomas; tradução João Roberto Martins Filho; consultor desta edição Renato Janine Ribeiro; consultor de termos zoológicos Márcio Martins. - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WITTER, Ingrid Cristiane. **A família contemporânea e o animal doméstico: Uma reflexão acerca do status do animal no contexto familiar e os efeitos dessa relação no Direito.** Monografia. USCS, São Caetano do Sul, 2016.

WHITE, Steven. **Companion animals: members of the family or legally discarded objects?**UNSW Law Journal, Volume 32 (3), p.852-878, 2009.

“Tudo pela Saúde deles”. Revista Veja, ed. 2164, ano 433(19), p. 140-146, 12/05/2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120510/tudo-pela-saude-deles-p-140.shtml>. Acesso em: 13 de outubro de 2020.

VIEIRA, Tereza Rodrigues e CARDIN, Valéria Silva Galdino. **Antrozoologia e direito: o afeto como fundamento da família multiespécie**. Rev. de Biodireito e Direito dos Animais, Brasília, v. 3, n. 1, p. 127 – 141, Jan/Jun. 2017.